

BENILSON TONIOLO

barra-dos-  
-meninos

**Editora Penalux**  
Guaratinguetá, 2024

## CASCALHO

Ainda está longe, a morada.

O homem se arrasta pela rua de lama tentando chegar à porta do barraco. Vem bêbado, as mãos vermelhas e inchadas se escalavrando entre a terra molhada da chuva e as pedras que se sucedem enquanto ele se esfrega na superfície.

A boca se perde em impropérios que ninguém entende. Apeste. Dianho. Muxoxa. A gengiva sangra, os olhos mal se mantêm abertos e, entre a água que se acumula sob as pálpebras e os cílios grudentos de sono e do mel da bebida, ele pensa que seus amigos o abandonaram.

E abandonaram mesmo. Ninguém aguenta mais o velho Cascalho e suas cachaçadas seguidas. Ninguém vê mais o homem: só enxergam aquele que a bebida afastou da mulher, do trabalho e das boas rodas de conversa nas noites da vila.

Sempre foi de beber, desde menino, bebendo primeiro do copo do pai e dos amigos do pai, dos tios e dos colegas mais velhos, meninos começados cedo na lida das redes de pesca. Bebia quando casou com dona Bilu, bebeu quando os filhos nasceram, bebeu no batizado dos dois, bebeu no casamento

da filha, ainda tão nova, prenhe de pescador que chegou de onde ninguém viu e que sumiu como veio, sem avisar e sem que ninguém desconfiasse.

Bebeu quando o neto nasceu e morreu ainda tão pequenino, afogado no tanque do porco que o homem passou a criar para aumentar a renda da família, quando se cansou de viver da pesca. Pesca não é vida de gente, dizia. Pesca dá trabalho e não rende nada. Avisou dona Bilu que ia cuidar de criar porco, assim não precisava sair de casa ainda de madrugada para perecer na lida das águas. Quem sabe até não diminuía com a bebida, pensou. Comprou um leitão novinho do velho Rufino, levou para casa e passou a cuidar. Botou para dormir no quarto com ele e mais a patroa, que bem compreendeu a preocupação do marido. Ali não era só o bicho. Era o investimento, o pouco dinheiro guardado tinha ido na compra do bacorinho. Era engordar e vender a carne depois, inteiro ou aos pedaços para reaver o dinheiro e comprar mais um ou dois para engorda. Montou um cercado do lado de fora e encheu um tanque de água perto. O bicho engordava e roncava, roncava e engordava. Macho, com um pouco de sorte o Cascalho botava para cruzar e ainda podia negociar para ficar com uma parte do resultado da cruza. Não sabia negociar com dono de porco, mas isso era coisa que se aprendia, sempre fora bom de fazer conta de tabuada. Que não lhe pedissem para escrever, mas na tabuada ninguém lhe superava. E lia um pouco até que bem, achava.

O neto era o Fio, de nome Juliano, como o pai que sumira no mundo. Com a mãe na lida dos serviços nas casas das patroas, o menino ficava com os avós. Cascalho foi ver o

porco e o menino de dois anos foi atrás. O homem olhou, forçou a visada, não viu o bicho no cercado e achou que tinham roubado. Roubarem o porco era seu maior medo. A perda do investimento e o sonho de deixar de vez a lida na pesca, que estava já acontecendo. Vai o homem ver se achava o porco que, sem que o homem tivesse percebido, havia passado por debaixo da cerca e estava vadiando ali por perto. Nem longe não era, mas o homem não viu. Cascalho no seu atropelo, passou a chamar o porquinho do jeito que estava habituado a chamar, um meio assobio prendendo o beíço de baixo com o dedão e o indicador da mão direita. O homem dá volta na cerca e não vê o porco, passa por cima da cerca, bota reparo na direção do tanque no afã de encontrar o perdido e vê a perninha do neto do lado de fora da água. Meu Deus, o Fio. Puxa o menino pela perna, e não tem menino mais. A perna é um pedaço duro de pau esbranquiçado e inerte, uma construção que começa após a rotunda do joelho e vai terminar nas pontas arroxeadas dos dedos pequenos e de tão pouca caminhada. Os gritos do homem são tão esganiçados que corre gente para ver o dismantelo sem fim do homem que esqueceu do neto para cuidar de um porco – que, sem entender o que à sua frente se dá, pisca duas vezes os pequeninos olhos antes de cruzar de volta com seus passinhos miúdos a parte de baixo da cerca e voltar a se afundar na lama em que diariamente chafurda.

A morte do menino Fio, de nome Juliano como o pai que sumiu no mundo, abalou a vila da Barra-dos-Meninos. A vida de todo mundo não foi a mesma nunca mais. Menino morto nunca mais para de morrer, como se sabe. E Cascalho, o avô, morreu junto. Só não deitou para morrer, o homem. Morreu

de pé, andando, tropeçando e bebendo cachaça. Cascalho bebe para não lembrar. Por isso bebe sempre. Por isso, quando bebe, lembra.

Dado que caiu, Cascalho impotente e sem forças acaba por concordar que o melhor é ficar por ali mesmo, no meio da rua de lama e de pedra. Mentalmente ensaia um Pai-Nosso que não consegue terminar nunca de rezar porque a inconsciência chega primeiro. Amanhã ele termina. Por ora, precisa dormir e espantar os homens que, armados com os tacos de sinuca do bar, correm atrás dele para lhe punir por ter trocado o Fio pelo porco. Mas eles não vão conseguir chegar, o homem sabe, porque ele já andou muito e o bar está longe. E tem ainda o fato de conhecer todos os buracos onde se esconder por ter nascido naquela vila mesmo, quando ainda se catava caranguejos sem precisar jogar puçá. Era enfiar o braço na terra até alcançar o corpo do bicho, que ferrava a mão, mas não podia com ele, que ainda era só um menino. E ele venciam o peso da lama e sentia que tinha encontrado o bicho lá embaixo, com quem lutava com força e coragem, e trazia o bicho bem preso à mão, o braço cheio da terra escura do mangue, e ele levantava finalmente o grande caranguejo em direção ao sol como se fosse um troféu, e tinha dia que só de troféu eram mais de vinte – que contar era coisa que desde menino ele sabia, e bem. Só não pedissem para lidar com letras, que isso era dificuldade muita. Mas conta, não. De conta, ele sabia. E cada caranguejo que ele desovava era uma conta de mais em sua contabilidade de menino criado entre a terra e a água. Por isso os homens armados com tacos de sinuca não o alcançariam. Porque ele corria como os caranguejos. E se escondia

atrás das grandes pedras. E das pequenas também. E atrás de uma dessas pedras haveria de finalmente encontrar um porco gordo, pesado, cheio de banha e que ia render muito dinheiro. E que com esse dinheiro ele poderia mandar buscar o Fio de volta para continuar sua vida.

Desacordado, o homem mantém os olhos abertos.

Agora, chove na noite da vila da Barra-dos-Meninos.

## O BAR

Com a mão direita apoiada no queixo e os olhos quase fechando por conta da modorrência de depois do almoço, seo Manolo distrai o juízo observando o voo indeciso de uma mosca sobre o balcão de madeira gasta de pintura descascada. Mosca é bicho que não tem parada, pensa. Não é que nem boi, que se movimenta em lentidão. Todo bicho nasce com um tipo de movimento. Boi é de natureza lenta, só se apressa quando novo, bezerro ainda. Nem quando vão ferrar, ele consegue ser ligeiro. Faz que corre, mas o corpanzil não acompanha. As pernas querem correr, mas o corpo não acompanha no ritmo que a perna quer. Aí vem o ferro. Ou o corte, ou a pancada certa na cabeça que é como fosse um machado afiado sobre o pescoço. Sangueira danada. Elefante diz que é lento, também, mas ele nunca viu. Nem em zoológico. Uma vez disseram que vinha um circo na Croa, ele se animou para ir e não foi. Nem se lembra porque não foi, só que não foi. Foi antes de ter o bar. Faz tempo. Alguém disse que tinha circo, que vinha circo na Croa, com palhaço, com mágico, com leão, com elefante. Macaco também devia de ter, mas macaco é bicho

que em todo canto se acha, tinha graça não. Ali mesmo perto do bar de vez em quando vinham uns saguizinhos. Queria ver a brabeza do leão e as banhas do elefante, que dizem que tinha a tromba maior que o corpo. Oxe.

A mosca parou bem na frente dele. Será que agora ele mata? A distância é de menos de um braço. Precisa nem mudar a direção da mão. É só levantar um pouco o queixo e deixar a mão cair com alguma força, a palma achatada para esmagar o bicho. Coisa nojenta que é mosca, que em tudo pouisa e leva sujeira para todo canto. A mão tem que ser que nem um martelo, e só pode ser num golpe. A mosca dá uma virada para o lado, mas não muda de posição. Ainda está ao alcance de sua grossa mão de comerciante. É soltar o braço e esmagar o bicho inconveniente. Se concentra. O olho perdeu a leseira. Prepara. Mira bem no meio dela. Desce a mão com força, ainda a tempo de ver o bater de asas da desgraçada. Arre, que bicho chato é mosca. E é mais rápido do que a gente.

Sentado a bestar na ponta do balcão, Luizinho se assusta com o barulho da tentativa do dono do bar.

— Oxe, seo Manolo, que susto.

— Fica nessa leseira aí, toma susto mesmo. Tava querendo matar uma mosca aí me atazanando a paciência.

— Deixa o bichinho, seo Manolo. É criação de Deus.

— Vai ver é do diabo, isso sim.

Seo Manolo deixa o balcão e vai secar os poucos copos lavados sobre a pia.

— Dona Bilu vem aí...

Alertado pela fala do freguês, o comerciante espicha o olho para a rua. E consegue ver a mulher magra, de blusa



*Aracaju, novembro de 2022*  
*Campos do Jordão, agosto de 2023*

CONTATO  
benilsontoniolo@hotmail.com.br



## LIVROS ILUMINAM

---

Este livro foi composto em Adobe Garamond Pro pela Editora Penalux e impresso em papel off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em janeiro de 2024.

---